

RESENHAS

A LINGUAGEM COMO PROCESSO TERAPÊUTICO. SÓCIO-CONSTRUTIVISMO. INTERAÇÕES EFICAZES

Regina Maria Freire
São Paulo: Plexus, 1994

Regina Freire através deste livro oferece à sua área de trabalho — a Fonoaudiologia — uma importante contribuição. Seu objetivo é apresentar, a partir de uma revisão crítica dos pressupostos das terapias tradicionais, uma nova proposta.

Inicia o estudo analisando o modo como os fonoaudiólogos, em suas incursões pela Medicina, Psicologia, Linguística e até Sociologia, têm explicado e trabalhado com os chamados distúrbios da linguagem. Segundo a autora, nessas incursões aprofundaram-se os conhecimentos acerca da patologia, isto é, das dificuldades perceptuais e motoras possivelmente encontradas nesses casos. Também se evidenciaram aspectos lingüísticos desviantes e os fatores emocionais e sociais que poderiam ser explicativos do retardo de linguagem. Entretanto, esses estudos ofereciam uma visão genérica do problema, faziam com que o fonoaudiólogo, em sua busca de entender os desvios de linguagem, acabasse por recorrer a outros domínios — e não à própria linguagem.

A autora, em seguida, analisa diferentes abordagens terapêuticas usadas nos casos de crianças com retardo de linguagem e questiona o papel que o fonoaudiólogo assume em cada uma delas, indagando qual seria a sua tarefa: estimular a aprendizagem lingüística, corrigindo as "falas" erradas e reforçando as tentativas consideradas mais assertivas? fazer com que essas crianças sejam sistematicamente expostas à língua? propiciar a consolidação de esquemas cognitivos considerados pré-requisito para o desenvolvimento lingüístico ou promover a interação adulto-criança facilitando, assim, o processo inicial de aquisição da linguagem?

Cada uma dessas alternativas supõe uma concepção de linguagem. A autora procura mostrar que em nenhuma delas o processo terapêutico é conduzido na e pela própria linguagem. No primeiro caso, o fonoaudiólogo estaria voltado para as estimulações e para o controle das respostas obtidas; no segundo, para o *input* lingüístico que ele, supostamente, deveria fornecer à criança; no terceiro, sua preocupação se centraria na realização das ações consideradas desencadeadoras do desenvolvimento cognitivo; no último caso, ainda que a atenção do fonoaudiólogo estivesse voltada para os jogos interacionais, a expectativa seria a de facilitar a comunicação da criança.

É sob o enfoque socioconstrutivista que a autora baseia sua proposta de terapia de linguagem, identificando enquanto recurso terapêutico as próprias estratégias discursivas. Para demonstrar a ineficácia de condutas nas quais a interação não é vista sob a perspectiva de uma ação conjugada e reguladora da produção de significação entre interlocutores, Regina Freire apresenta uma série de exemplos de interação adulto-criança, dados que retira de sua pesquisa de doutorado. Identifica como agente causador da ineficácia das interações entre o adulto e a criança a representação inadequada que o primeiro tem ou constrói do segundo como interlocutor e o procedimento decorrente dessa representação.

No texto foram especialmente focalizados dois tipos de representações: de estagiários de fonoaudiologia em relação a crianças institucionalizadas (FEBEM) portadoras de retardo de linguagem e de uma mãe em relação a sua filha portadora de fissura palatina já reparada. Em ambos os casos, a autora observou uma mesma tendência do adulto em explicar o retardo de linguagem como decorrência de causas exteriores à linguagem, isto é, de apontar aspectos emocionais ou *déficits* físicos como explicativos do problema. Observou que também era comum nessas interações o adulto assumir uma postura pedagógica, tentando ensinar a criança a falar. Assim, interações virtualmente "eficazes" acabavam, segundo a autora,

configurando-se como "ineficazes". Foi essa constatação que a levou, então, a propor uma prática alternativa às práticas até então apresentadas.

Assim, no penúltimo capítulo as colocações da autora se estruturam de modo a mostrar que ao se adotar a concepção socioconstrutivista as dificuldades lingüísticas apresentadas por uma criança com retardo no desenvolvimento da linguagem serão resolvidas nos processos dialógicos desencadeados entre ela e o terapeuta, seu interlocutor privilegiado. A autora tem como referencial dados de sua interação com uma criança em atendimento fonoaudiológico. Nesse trabalho toma como ponto de partida o sistema comunicativo utilizado pela criança, procurando, pouco a pouco, negociar um uso mais eficiente da linguagem oral. Define, então, a terapia como lugar reservado à constituição de processos dialógicos, focalizando, desse modo, a interação da criança com o outro, com a realidade e com a própria linguagem.

O texto vai progressivamente se encaminhando de modo a mostrar que sua meta terapêutica não se fixa na tentativa de eliminar sintomas ou sinais identificados como desvios de linguagem. Fixa-se, sim, no processo de construção conjunta de condições interacionais efetivas sob as quais a criança possa assumir diferentes posições discursivas e constituir-se sujeito de sua própria linguagem, elaborando nesse processo suas dificuldades na e pela linguagem.

O livro *A linguagem como processo terapêutico* oferece reflexões importantes sobre a natureza da terapia fonoaudiológica, ressaltando a importância que a concepção de linguagem assumida pelo fonoaudiólogo tem na fundamentação das práticas terapêuticas por ele exercidas. Também sugere um conjunto de estratégias discursivas que podem ser utilizadas pelo terapeuta, mas o seu mérito maior, certamente, reside no fato de colocar em relevo a linguagem na discussão de questões sobre a clínica fonoaudiológica.

Maria Cecília Bonini Trenche

"CAETANO DE CAMPOS": Fragmentos da História da Instrução Pública em São Paulo

Maria Cândida Delgado Reis (org.)

São Paulo: Associação de Ex-Alunos do IECC, 1994

Em comemoração ao centenário da inauguração do prédio da escola Caetano de Campos (Pça. da República, SP), a Associação de Ex-Alunos do Instituto de Educação Caetano de Campos lançou, no final de 1994, a coletânea *Fragmentos da História da Instrução Pública em São Paulo*, organizada pela prof^a. Maria, Candida Delgado Reis.

A história da educação tem sido campo de entrecruzamento, nem sempre harmonioso, mas freqüentemente desafiador, de duas áreas de estudo: a história e a educação. Um diálogo necessário e bem-vindo. No campo da história, as constantes buscas de temas e abordagens no âmbito da cultura podem ter na área da educação férteis possibilidades de ampliação de novos problemas. Como se organiza a escolarização? Que sentidos adquire historicamente? Quais os significados históricos de sua institucionalização? Algumas necessidades têm impulsionado as pesquisas na busca de novas explicações para o papel da escolarização na formação das mentalidades e na história cultural das sociedades, isto porque as interpretações que reduzem a escolarização a um processo de positividade, sem enfrentar suas implicações, podem ser insuficientes para alcançar a complexidade e as interligações que o tema da educação impõe.

É a partir dessa rede de significados, dentre outros, que a coletânea *Fragmentos...* nos chega. Partindo do século passado, convida-nos a um passeio que revisita momentos da existência centenária da Escola Normal Caetano de Campos, ao contar suas histórias pelas vozes de pesquisadores e de alguns de seus antigos ex-alunos.

Fosse só pelo registro da memória desses últimos (segunda parte do trabalho), que revivem episódios —